

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2022, conta com 24 089 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Março de 2026 - Nº 645

Diretores - Antonio Marcello da Silva (1931 - 2025) - Pascoal Andreta (1915 - 1982) - Ugo Labegalini (1931 - 2012) - Ivan Mariano Silva (1935 - 2020) - Alessandra Mariano (1969 -).

OH, MINAS GERAIS, OH, MONTE SIÃO

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Nasci e moro na cidade paulista de Vinhedo, a Terra da Uva. Na maioria, somos oriundos de italianos. Conversamos exageradamente com os braços e as mãos, comemos muita pizza e massa e tomamos bastante vinho. Cantamos e dançamos alegremente, seja uma tarantela ou qualquer coisa que faça ruído. Está no sangue. E muita gente ainda joga bocha. Quase ninguém mais tem aquele sotaque característico, afinal, faz mais de século que nossos parentes imigrantes começaram a chegar para plantar café e uva, além de produzir vinho. Hoje somos pouco mais de 80 mil habitantes em 82 km² de extensão.

Monte Sião, com pouco mais de 24 mil habitantes em 292 km², é igualmente um município de forte origem italiana. Eu já visitava Monte Sião como turista bem antes de conhecer uma turminha especial de poetas e escritores do Jornal Monte Sião. Já degustei por lá muita cachaça, pão de queijo e doce de leite. Já entrei na igreja para rezar. Fui ao museu para conhecer os rastros da história e passei por aquela praça com árvores podadas em forma de bichinhos. Uma cidade que poderia ser meu torrão natal tam-

bém.

Mas como tudo começou?

Foi bem assim... Numa incerta noite lá de 1998, toca o telefone em casa. Meu filho Samuel, ainda criança, me chama dizendo ter um homem querendo falar comigo. Atendo, alô. Escuta, aqui é o Dr. Marcello, promotor de Justiça de Campinas etcetera e tal estava lendo sua crônica no Diário do Povo etcetera e tal e... Pronto, pensei com meus amedrontados botões, escrevi alguma bobagem e vou ganhar um baita dum processo! Foram segundos aterradores de silêncio e apreensão até ele

– o Dr. Antonio Marcello da Silva, sim, ele mesmo! – continuar dizendo, olha eu gostei muito do que você escreveu e gostaria de sua autorização para publicar lá num jornal do sul de Minas, numa cidadezinha chamada Monte Sião... — Eu conheço, Dr. Marcello, interrompi alegremente e aliviado, já estive lá muitas vezes comprando blusas e gorros de lã, além de gostar muito daquele jardim com bichinhos feitos de arbustos. Até já entrei na bucólica igreja para rezar, disse, querendo agradecer (só tempos depois fui descobrir que ele era ateu convicto).

Então, lá se vão décadas que publicam minhas bobagens neste resistente jornal onde tenho amigos inestimáveis (ou estimáveis?). Das primeiras vezes, o Dr. Marcello, metucioso ao extremo, fazia questão de registrar no rodapé da crônica “com a devida autorização do autor”, pois vai que aquele desgraçado cronista (ele não me conhecia ainda) processe o rico jornal monte-sionense e peça uma indenização milionária etcetera e tal... Hoje não fazem mais isso, já sou de casa.

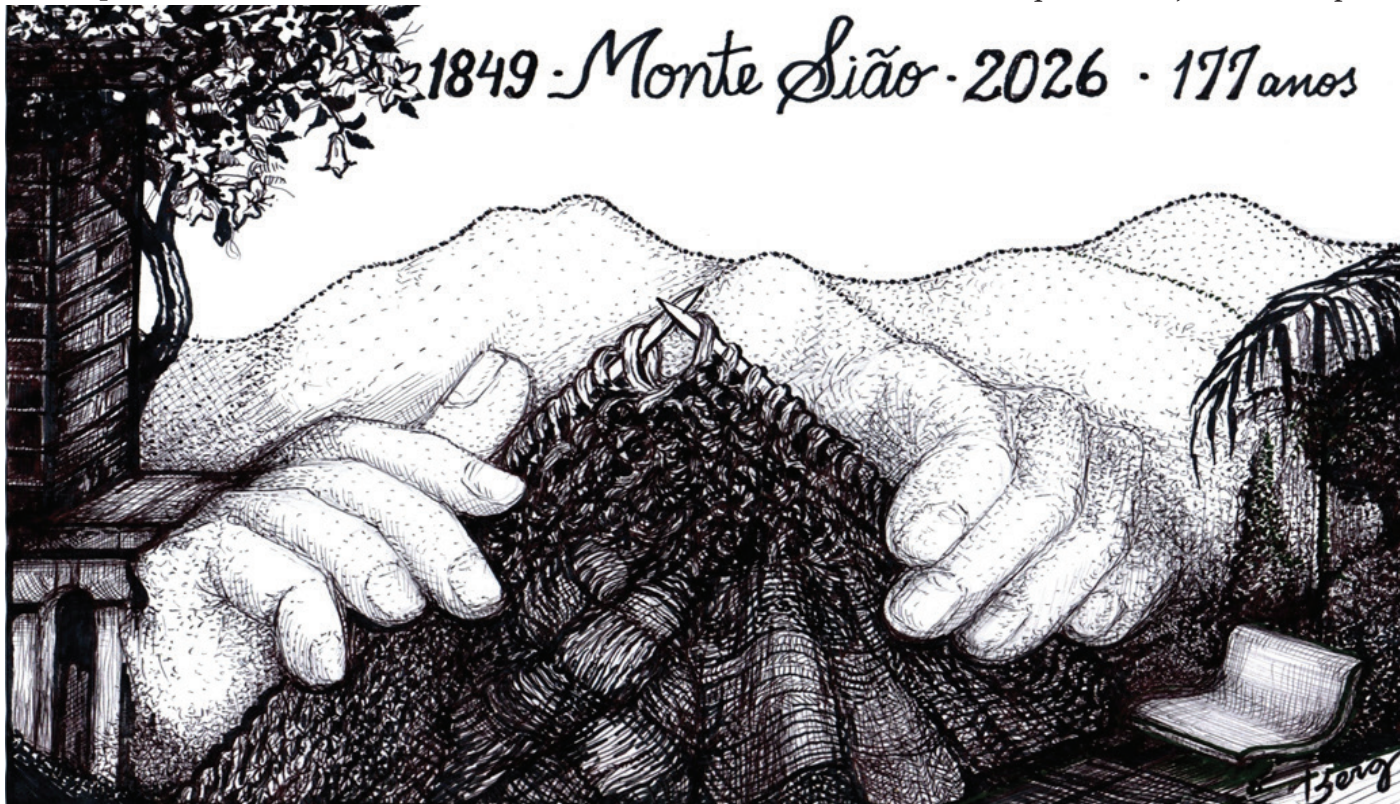
Naqueles tempos, eu era fã ardoroso do Lourenço Diaféria e me diziam que

ele frequentava um sitiozinho nos arredores da cidade (tempos depois descobri que era o “latifúndio” do Ivan), onde falavam de literatura, cantavam e bebiam cachaça. — Pronto, é para este lugar que vou correndo, disse a mim mesmo! Não tive a chance de conhecer pessoalmente aquele grande escritor, que teve praticamente a carreira encerrada depois de escrever uma crônica chamada “Herói. Morto. Nós.” (publicada em setembro de 1977, procure na internet), narrando o fato do sargento Silva que pulou no fosso do zoológico para salvar uma criança atacada por uma

ariranha e ele mesmo morreu depois pelos ferimentos do animal. Na época áurea do regime militar, acabou comparando o herói morto com a estátua do duque de Caxias e deu no que deu...

Mas conheci o Ramos Calhela, de quem era grande admirador. Casado com a colombiana e artista plástica Fanny (pelo que sei, a única estrangeira na cidade que ao telefone dizia aos amigos: “adibinha quién estás hablando”... Não dava nem para desconfiar, né!). Tive a oportunidade de conversar muito com ele e até de ouvi-lo narrando um poema num daqueles encontros da turma.

Depois, outros se foram. Hoje bate uma tremenda saudade principalmente do Ivan e do Hugo Labegalini, com suas deliciosas histórias de caminhoneiro. Dos demais, ainda vivos, nem falo, para não esquecer algum e provocar ciúmes. Mas tenho fotos de momentos inesquecíveis. Como em janeiro de 2018, quando o jornal completou 60 anos, devidamente comemorado com muitas lembranças e emoção, misturando risos e lágrimas. E estava lá aquela plêiade (eita!, como dizia o Ivan), de excelentes poetas, contistas, romancistas, enfim, artistas da palavra. Graças a Deus, eu no meio deles!



CRÔNICAS DA MINHA GENTE

DORVA

IVAN

Estou convencido que, desde o nascimento até sua morte, a Dorva manteve estendido em sua boca ténue sorriso de compreensão da vida e resignação pelos acontecimentos que cercavam seu cotidiano. Revelando que ela previra tais situações, o sorriso era também a declaração de uma certeza: “É tudo assim mesmo”. Em seu rosto transparecia a mesma santidade da mulher prestes a ser mãe: sereno e gratificado pela iminente concessão à vida. Nos olhos, a mansidão de quem recebe e aceita, até mesmo os ódios, certa de que eles resultam de intransponíveis fraquezas, mas que, por serem ódios, nos dão a impressão de maldade. Atendia aos hóspedes da fazenda, onde trabalhava, com desenvoltura, elegância e educação, sem baixar a cabeça, não demonstrando servilismo nem insinuando imposição; era apenas precaução para manter a dignidade. Da mesma forma, atendia aos outros serviçais, a eles era solidária, assegurando

a ascendência que a ela outorgavam, sem se humilhar ou depreciar alguém. A tudo retribuía, até mesmo o sorvo de ar que inalava, ao dirigir o olhar para cima, em busca de algo superior. Em todas essas atitudes conservava o sorriso acolhedor, com nuances entre a piedade e a admoestação. Seus pés, sem nunca terem visto um sapato, eram bem delineados e delicados, parece que sempre contidos em calçados de qualidade. Caminhavam como os de um gato: com precisão, firmeza e silenciosamente. Leves, sem lastro algum, não deixavam rastros nem no assoalho encerado nem no chão de terra. Desse modo, parecia desfilarem pelos corredores do casarão, sem a sisudez estudada e os passos artificiais das modelos na passarela. Os da fazenda, se conhecessem os termos, diriam que a Dorva pairava ou fluía pela casa. Houve quem dissesse, com mais acerto, que adejava e partia sem deixar pegadas quando se sentia sem precisão.

Jamais permitiu que

o volume do seu corpo excedesse o cordão do avental, volume que poderia denotar descaso consigo mesma e até sedentarismo, que ela se expressava melhor como vagabundagem. Por isso, levantava-se às quatro da manhã e se recolhia às sete da noite. Se, na reunião noturna dos hóspedes, que poderia ser na cozinha, sua fortaleza, o assunto não lhe dizia respeito e sua presença poderia supor indiscrição, ia para o quarto, onde quedava balbuciando com o rosário na mão, rolando as contas entre os dedos finos e longos, próprios de pianista, estranhos para uma doméstica acostumada a rachar lenha. Falava apenas o necessário e num volume que só se ouvia quando perto dela. Se precisasse aumentar a intensidade da voz, aproximava-se do interlocutor para manter o tom brando de sempre. Alimentava-se sobriamente – se restasse comida, e só depois que todos deixavam a mesa – num canto da cozinha, às escondidas, como se o ato de mastigar fosse pecaminoso.

A todo instante, seus olhos negros de jabuticaba vagueavam pelas órbitas, perscrutando a casa à procura de qualquer desalinho. As aranhas abandonaram seus cantos, cansadas de restaurar teias destruídas. Amarrados atrás da cabeça, seus cabelos lustrosos brilhavam por decisão da natureza e cheiravam a ela, natureza. Sua única veleidade era mantê-los presos por uma fivela areada que, com os olhos no chão, recebeu do Dito Preto, seu marido, no dia que se pensou ser o do seu aniversário. Não era. Dorva não preservava datas, hábito que fazia dela um ser completamente livre.

Sua noção de Deus era diferente da crença entre as pessoas comuns. Para a Dorva, Deus encontrava-se à distância de uma bênção e lidava com Ele com a mesma naturalidade com que usava a água ou arrumava a mesa. Ninguém precisava jurar que acreditava em água ou mesa. Assim, também não era necessário acreditar em Deus, pois ele Estava ali, à disposição, como um

talher ou uma ferramenta. Deus, para a Dorva, era mais evidente que a casa onde servia. Já em Deus ela morava.

Sempre se recusou a dar sua opinião. O silêncio era sua recusa, pois considerava que, dentre as considerações apresentadas, uma sempre coincidia com a dela, dispensando-a de se expressar. Mas o sorriso permanecia – “Pobres! é assim mesmo”. Por causa dessa mulher, e não por eventuais conhecimentos meus, concluí que a cultura não depende do que se apren-

deu Na vida; cultura é tudo o que ficou do que se aprendeu da vida. A Dorva era culta. Culta e analfabeta, mas sabia ler no semblante de cada um de nós, todos os nossos sentimentos... e os respeitava. Pouquíssimos ficaram sabendo o dia em que morreu. Mas o sorriso de “eu já sabia” ela levou, e parece que a ninguém legou.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

MELANCÓLICO

vim de um
guerreiro
poeta
aventureiro

mesmos
sonhos
desencontros
incertezas

trouxe
que me cabe
de infinitamente
meu

mas o sorriso dela
que me era tanto
esse encanto
adeus

kuaia

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS Nº 88

ISMAEL RIELI

Pronunciamento não pronunciado.

Que era pra ser proférido dia 7 de janeiro, por ocasião da inauguração do Beach Tênis Copacabana na estrada do Morro Pelado em Águas de Lindóia.

Procuo relatar a simbiose da família de Pedro Rielli com aquele pedaço de vale encantado.

O comparecimento superou as expectativas, cerca de 700 pessoas, sem condições para discursos.

Tirante Cláudio, o primogênito, que nasceu em Monte Sião, todos os outros 5 filhos de meus pais, nascemos, pelas mãos das parteiras Eleta Gianoti Biscuola e Amália Cancherini, no casarão ali onde Márcio da retro instalou sua morada. Chão Sagrado. Quanta saudade do casarão sem água encanada, a bica ficava a uns 40 m da cozinha; sem luz, lamparina a querosene sem ba-

nhheiro.

Na frente vasto terreirão, onde, à noite, deitadas, as vacas ruminavam. Palco de uma infância feliz. Pena, grande pena, não ter nenhuma foto daquela casa que tenho nítida e saudosa na memória.

Um conselho de um octogenário: preservem fotos dos locais que lhes são ou lhes foram caros.

O sítio de meu Avô Batista, que tinha filhos no Brasil e na Itália, media 33 alqueires com duas escrituras: uma de 25 alqueires, outra de 8.

Meu Tio caçula, terminada a 2ª Guerra, veio pro Brasil e queria estabelecer-se.

Vendeu-se então, por 750 contos para Ivo Corotini 25 alqueires que incluía o casarão, o terreirão...

Quanta dor, quanta angústia, quanto sofrimento, quanta tristeza, como viver sem o casarão, sem o terreirão onde em noites enluaradas brincávamos de

esconde-esconde na borda do terreirão, em junho erguíamos 3 mastros: um para Santo Antônio, outro para São João, outro para São Pedro, enfeitados com cipó de São João, com um ovo enterrado junto para trazer prosperidade.

Como viver sem a enorme goiabeira em cujo galho balangávamos, sem a centenária mangueira que precisava de 2 homens para abarcar-lhe o tronco, sem o limoeiro de caule esguio, nunca mais vi limoeiro daquela espécie, em cuja base instalei meu caminhãozinho com câmbio à direita, direção pequena de escumadeira, embreagem, breque e acelerador no chão, sem a engalharada limeira, onde as galinhas dormiam. Como eram grandes todas as árvores frutíferas da minha infância.

O sítio de 8 alqueires que começava ali nos Nefelibatás ficou pro meu pai, mas não tinha casa. Embora com diversas e diversificadas atividades, dinhei-

ro sempre foi escasso em casa.

Alugávamos charretes, cavalos uma boa trepa, 3 talhões de cafezais. Aqui onde pedras policrômicas para revestimento. Fui um exímio abridor de pedras, fui também um razoável ferrador de cavalos. Vendíamos um pouco de leite, uns 10 litros. Sacolas com gomos acolhiam litros de vidro postos sobre os arreios.

Boneca, Égua Marchadeira, era mansinha, mas um dia resolveu dar uns pinotes. Os litros quebraram e de um enorme talho na perna do Claudio jorrava sangue que, misturado com o leite fez lembrar A Morte do Leiteiro de Drummond.

Porcos e galinha só pros gastos.

Com muito custo compramos um Chevrolet Boca de Sapo pro Cláudio. Um Belo Antônio.

O caminhão vivia a maior parte do tempo na oficina do avô do Bubu, o Mané Jorge.

Eu era ajudante. Tijolos quentes diretamente dos fornos.

Camisa aberta ao peito, na carroceria, recebíamos vento aconchegante. Não sei como não pegávamos pneumonia. Mudanças de gente pobre com tarecos, cachorro, gato e cabra.

Areia na pá. Nada de retro ou pá carregadeira. No muque mesmo. Transportamos material para a construção do Orestes Mantovani, Guilherme Borbosa, o apontador.

Muita atividade. Pouco dinheiro. Com as poucas economias, com a venda do gado, poucas cabeças, iniciamos a construção da nova casa: Alexandre Gatolini, mestre de obras, os jovens Inho e Antônio João, pedreiros.

Agora teríamos casa com banheiros e água encanada, até com água quente da serpentina do fogão de lenha. Nova etapa de nossas vidas mudamos pra uma casa inacabada. Sem veneziana, só caixi-

lhos. Reboco externo só muitos anos depois.

O tempo passou. Muita coisa mudou. E quem diria? O bisneto do meu avô esse grande Ismaelzinho - parece um sonho, comprou do Vinícius (a quem homenageamos pela firmeza e camaradagem) um pedaço, 65.000m2 do antigo sítio do Nono Batista, com uma "casinha" de 1200m2 e aqui instalou sua segunda pousada, a Costa Rielli. Eis que surgem no caminho do Mazinho dois cabras bons, dois cabras porretas: o Zé, Neto da Benzedeira Marcolina e Bruno, Neto do Paulo Avancini da Cidra e do Mel, então nasceu esse empreendimento que eles não se pejam em classificar como um dos melhores, mais completos, mais modernos, mais sofisticado do estado.

Boa sorte Zé!

Boa sorte Bruno!

Boa sorte filho querido!

P.S: Visitem, frequentem o Beach Tênis Copacabana.

“MONTE SIÃO” - UMA SENHORITA DE 177 ANOS

L. A. GENGHINI

O ano era 1847, na casa do casal Lúcia e Pedro Genghini, em Monte Colombo, área rural de Rimini, antigas terras de Sigismondo Pandolfo Malatesta, próximo da República de San Marino, nasceu Giovanni Battista Genghini, que, no futuro, casou com Mariantonia di Antonia Bellini para terem uma prole de 5 filhos, sendo três meninas e dois meninos, a saber: Maria, Raimondo Secondo, Antonio Ubaldo, Ernesta Erminia e Giuseppina Enricheta.

Provavelmente, nessa mesma época, na década de 1840-50, o arraial de Jaboticabal estava em ebulição, em busca de tornar-se cidade, ter seu território municipal demarcado e ter acesso ao reconhecimento social, deixando a condição de arraial ou povoado para trás.

Foi em 29 de março de 1849, se deu a fundação e a existência da capela, estabelecendo a administração pública e a gestão da cidade nascente.

Naquela época, na longínqua Itália, Giovanni Battista Genghini beirava os dois anos de idade.

E assim, ignorando as

existências, ela dele e ele dela, cresceram na mesma época histórica, em continentes e realidades diferentes. Monte Sião (conforme tão bem documentou o historiador Lourenço Guireli Júnior) foi se identificando com a cafeicultura e os cultivos de subsistência. Lá na longínqua Itália, em Rimini, Giovanni Battista tentou estudar para o sacerdócio, seguindo Dom Bosco, o primo Padre Zaccaria Genghini e a prima Irmã Clélia Genghini, todos Salesianos (aliás, Madre Clélia morou muitos anos no Brasil tendo se dedicado à educação), porém, conta a tradição familiar, que Giovanni só não se ordenou padre por apresentar forte intolerância ao vinho, tendo que retornar à vida laica, vindo a casar com Mariantonia, com quem constituiu família.

Entre as décadas de 1850 a 1870, a Itália passou pelo processo de unificação, que uniu o país, mas não conseguiu unir hábitos e culturas regionais, levando o país a um período de escassez que submeteu a população à miséria e à vida precária, ao ponto de abraçarem a emigração (estimulada pelo governo) como a grande oportuni-

dade de “fazer a América”, incentivada, também, pela propaganda que enchia os olhos e plantava sonhos nas almas e nos corações daquela gente sofrida.

Dando um salto para o final do Século XIX, encontramos o Brasil carente de mão-de-obra para os cafezais, incentivando a política migratória, enquanto na Itália o pessoal se encantava com “la America”.

Em 1896, Monte Sião completava 47 anos e já era um lugar aprazível. Na Itália, Giovanni completava 49 anos, casado com Mariantonia e cinco filhos. Eis que, resolveu abraçar a ideia de emigrar ao Brasil, assim como as famílias Grossi, Maggioli e Caroli, “tutti romagnoli” da região de Rimini.

Em um curto período de tempo Monte Sião recebeu 456 famílias compostas de 1471 italianos, para se fixarem na cidade e nas fazendas. Dentre elas, os Genghini, sendo Giovanni, Mariantonia, Raimondo, Antonio e Ernesta. A filha primogênita, Maria, casou-se com Gennaro Sebastiano e permaneceu na Itália, a filha caçula, Giuseppina Enrichetta, com menos de dois anos de idade, faleceu em Juiz de Fora, ao chegar

ao Brasil. Depois de uma viagem de trem Maria Fumaça, chegaram até Borda da Mata (MG) e em seguida, talvez a pé, uns 70 km, chegaram a Monte Sião, onde os destinos de Giovanni e de Monte Sião se cruzaram para sempre.

Estando no destino final e no meio de tantos italianos (cerca de 1500) o jeito foi ir se instalando como dava na agricultura, na região dos atuais bairros dos Alves, Machado, Furrier, Batinga e Lagoa Dourada. A vida seguiu, filhos cresceram se casaram e os netos começaram a aparecer. Estamos em 1919, quando

a Europa estava envolvida na I Guerra Mundial, um dos conflitos mais sangrentos que a humanidade conheceu.

Em 1919, dia 29 de março, Monte Sião completava 70 anos de existência como município enquanto em 20 de março de 1919, aos 71 anos de idade, Giovanni Battista Genghini fez sua passagem, deixando por aqui filhos e netos que continuariam labutando no cotidiano, em honra ao nome da família.

Finalmente, em 2017, 121 anos depois da emigração, tivemos a honra de visitar Rimini, San

Marino, Monte Colombo, Monte Escudo e restabelecer vínculos de parentesco, amizade e respeito com os Genghini que lá permaneceram.

Atualmente, neste 29 de março de 2026, quando uma senhorita chamada Monte Sião completa 177 anos, nós, os Genghini, e todos os Oriundi, completamos 130 anos nesta terra. Resta-nos, cheios de orgulho e alegria, dizer a todos os pulmões: Parabéns, Monte Sião. Vida longa, progresso e respeito, sempre!

Até qualquer hora, pessoal!



RESISTÊNCIA

PAULO FRANCO

Ele que tinha trabalhado o dia todo. Caminhava tranquilo quando o céu escureceu. A noite se antecipava e uma chuva torrencial desabava sobre ele, castigando como se pequenas flechas estivessem sendo atiradas contra o seu corpo. Não houve tempo pra reação. Olhou para o rio e ele já estava transbordando. A água subia tão rapidamente, que em poucos minutos, metade do seu corpo já estava submerso e à sua volta, tudo era um gigantesco

rio sem margens e a correnteza queria arrastá-lo. Tentou se manter firme, em pé, mas tudo era um lodaçal, que longe de lhe dar firmeza, o empurrava cada vez com mais força, até que ele se deixou levar.

Tentou nadar, mas pra onde? A água só subia, cobrindo árvores, arrancando-lhes os galhos, quando não as levava inteiras. O seu esforço agora era para manter a cabeça fora d'água e continuar respirando. A água que caía abundante, turvava-lhe a vista, mas como se olhasse através de um tecido

diáfano, pareceu ver uma forma imprecisa no meio daquele mar de lama, algo longe, mas que se aproximava rápido, conforme a correnteza o arrastava. Era uma casa, ou melhor, era o telhado de uma casa. Com o choque ele foi arremessado sobre esse telhado e tentou se manter por ali. Alívio, tensão, dor, medo e um extremo cansaço era a fotografia revelada em cima daquele telhado. As horas passavam lentas, a correnteza diminuiu, a chuva parava para regressar algum tempo depois e a impotência to-

mou conta daquele ser. Da sua pequena ilha, viu um dia passar e outro e outro, assim como passaram lentamente troncos, animais mortos e o corpo de um homem até sumirem da sua vista.

O cansaço aumentou com aquela espera, tentando se equilibrar naquela gangorra, somando-se a sede e a fome que o tomaram por completo, mas resistia.

Ele não era mais de carne e osso, era de vontade.

Ao amanhecer do quarto dia, até a vontade já fraquejava. A fome, a

sede e o cansaço eram insuportáveis. Estar pronto era tudo o que lhe restava, o fim parecia iminente. Tudo em volta era água suja, cheirando a morte.

Um barulho de motor, um barco se aproximando e ele nem se moveu, os olhos se mantiveram parados e opacos, sem reação.

A distância entre a última agonia provocada pela sede e o primeiro gole de água, o tempo entre o último padecimento causado pela fome e o primeiro bocado de comida, o espaço entre o último equilíbrio

do seu corpo alquebrado e o primeiro descanso em um lugar seguro, foram preenchidos por um plácido silêncio, uma concordância passiva com o que a vida lhe oferecia. O tempo pareceu correr mais lento do que gostaria, mas enfim alcançou o seu destino. Hoje, quase dois anos depois, ele vive tranquilo, bem cuidado e com uma baía inteiriinha só para si. Virou um símbolo de resistência do povo gaúcho, a sua imagem percorreu o mundo e é chamado de Caramelo. É um cavalo feliz!

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Engº Mecânico Automobilístico

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Praíinha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

CASA DAS MASSAS
ACEITAMOS ENCOMENDAS

Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone (35) 997693265
Monte Sião - MG

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

MONTE SIÃO, UMA CIDADE QUE GUARDA HISTÓRIAS

JAIME
GOTTARDELLO

*Algumas cidades
passam pelos anos.*

*Outras aprendem a trans-
formá-los
em história.*

Algumas cidades envelhecem com o passar dos anos. Monte Sião, não. Monte Sião apenas acumula histórias.

A cada 29 de março, quando a cidade celebra mais um aniversário, não é apenas o tempo que se

soma no calendário. Somam-se também as lembranças: das gerações que cresceram entre suas ruas tranquilas, das conversas demoradas nas portas das casas, das noites frias do sul de Minas em que o silêncio das montanhas parece abraçar a cidade.

Monte Sião sempre foi mais do que um ponto no mapa. É uma espécie de memória coletiva construída pouco a pouco, entre o trabalho cotidiano, as festas da igreja, o teatro amador, o cinema de

outros tempos, os antigos carnavais, as magníficas bandas de música e os encontros simples que dão sentido à vida em comunidade.

Quem nasceu aqui carrega a cidade consigo, mesmo quando o caminho da vida leva para longe. E quem chega aprende, com o tempo, que Monte Sião tem um ritmo próprio — mais calmo, mais humano, mais próximo.

Talvez seja por isso que aniversários de cidades como a nossa não sejam

apenas datas comemorativas. São momentos de reconhecer que cada rua, cada praça e cada esquina guardam um pouco da história de quem passou por ali.

Porque, no fim das contas, cidades verdadeiras não são feitas apenas de ruas e casas, mas da memória silenciosa das vidas que passaram por elas.

*E Monte Sião
continua, serenamente,
transformando
o tempo em história.*

MÊS DE FESTA, CORAÇÃO DE ROÇA

LEONARDO
LABEGALINI

Monte Sião estava diferente naquela semana. O clima parecia mais leve, mais animado. As ruas ficaram cheias, os comércios movimentados e, mesmo quem dizia que “não ligava”, acabava comentando sobre a Festa do Peão.

Era como se a cidade inteira estivesse se preparando para algo maior do que um evento. Carros passavam tocando sertanejo, chapéus começaram a aparecer por todo lado e o cheiro de poeira da estrada de chão se misturava com o aroma de café vindo das casas e padarias.

Naquela tarde, Téo caminhava perto da praça quando avistou o Líder Inspirador sentado em um banco, observando o movimento. Ele segurava um copo de café e tinha aquele olhar tranquilo de quem enxerga mais do que está acontecendo por fora.

Téo se aproximou.

— A cidade inteira só fala da festa — comentou. — Parece que todo mundo está animado.

O Líder Inspirador sor-

riu.

— E você? Vai?

Téo deu de ombros.

— Acho que sim... mas não sei. Tem gente que diz que é só bagunça. E tem gente que trata como se fosse a melhor coisa do ano.

O Líder Inspirador respirou fundo antes de responder.

— A Festa do Peão não é só uma festa, Téo. Ela é um símbolo. Ela lembra quem a gente é. Monte Sião tem indústria, tem malharia... mas também tem roça, estrada de terra e raiz. Aqui convivem gerações diferentes, histórias diferentes e estilos de vida diferentes. A festa é um dos poucos momentos em que tudo isso se encontra. É como se a cidade dissesse: “a gente continua sendo um só povo”.

Téo ficou em silêncio por alguns segundos, absorvendo aquilo.

— Eu nunca pensei por esse lado... Eu sempre achei que era só diversão.

O Líder Inspirador concordou com a cabeça.

— Pode ser diversão, sim. Mas também pode ser algo mais profundo: um momento de lembrar que

a vida não é só trabalho, meta e preocupação.

Téo soltou um suspiro.

— Ultimamente eu sinto que só trabalho. Parece que estou sempre correndo, sempre resolvendo problema. Até quando descanso, minha mente não descansa.

O Líder Inspirador olhou para ele com firmeza e serenidade.

— E é aí que muita gente se confunde. Porque existe uma diferença entre celebrar e fugir. Celebrar é honrar a vida. Fugir é tentar esquecer a própria vida. A festa pode ser cura ou anestesia. Depende do coração de quem está lá.

Téo abaixou o olhar.

— Faz sentido...

O Líder Inspirador continuou:

— Quando alguém vai para celebrar, volta mais leve. Volta com energia renovada, com alegria, com gratidão. Mas quando vai para fugir, volta vazio. E muitas vezes volta pior do que foi.

Téo olhou ao redor. Crianças corriam na praça, algumas pessoas conversavam sentadas nos bancos e a cidade parecia respirar

um ar de expectativa.

— Eu vejo muita gente diferente na festa — disse ele. — Dono de malharia, funcionário, jovem, idoso, pessoal da roça, gente da cidade... tudo misturado.

O Líder Inspirador sorriu.

— Isso é uma das coisas mais bonitas. Por algumas horas, o ego perde força. O título perde importância. E o que sobra é gente. Só gente.

Ele fez uma pausa e completou:

— E sabe por que isso é importante? Porque o ser humano não foi feito só para produzir. Nós fomos feitos para conviver, para rir, para criar lembranças. Se você vive apenas para trabalhar, um dia perde até o motivo de lutar.

Téo engoliu em seco. Aquela frase entrou fundo.

— Então você acha que eu devo ir? — perguntou.

O Líder Inspirador respondeu com calma:

— Acho que você deve se permitir viver. Se for, vá com consciência. Vá para celebrar. Vá para encontrar pessoas, sorrir, valorizar a cidade, agradecer pelo ano que passou. Vá para lem-

por palhas de arroz. A palha de arroz meu irmão Tatinho pegava na máquina do Mariano, mas isso é para outra história que quem melhor souber que conte.

Na rua do sapo havia a Lagoa da Dique, a senhora que nos sorria da janelinha de cortinas de renda. E em seu riozinho raso pesquei primeiros carazinhos fosforescentes e bagreinhos lisos. E me contaram que naquela mesma rua houvera uma fábrica de cerveja

177 ANOS! PARABÊNS, MONTE SIÃO!

Aquele distante 29 de março
Ainda baila na imaginação
Quando o início da cidade
Que é a bela Monte Sião

São 177 primaveras
Vividas com emoção
Quando aqueles pioneiros
Fundaram Monte Sião

Gente simples gente ordeira
Trazendo no coração
A chama viva que deu origem
À grande Monte Sião

Travaram grande batalha
Com a ideia alvissareira
Sob a proteção de Nossa
[Senhora da Medalha
Monte Sião brotou nas terras
[mineiras

A luta foi incessante
Jamais tendo parada
Não descansavam um instante
Com Monte Sião fundada

Gente honrada e destemida
Foram aqueles fundadores
Mostrando que suas vidas
Também tinham seus valores

Cada pedaço de chão
Foi calcado com maestria
Surgindo Monte Sião
Tudo foi glória e alegria

E hoje essa querida cidade
Orgulha o estado mineiro
Monte Sião é mocidade
Desde seu ano primeiro

(Parabéns às autoridades constituídas e aos Monte-sionenses, que lutando no dia a dia em seus postos de trabalho ajudam o crescimento da cidade que tem a proteção de Nossa Senhora da Medalha, a padroeira. Parabéns Monte Sião!!!)

Arlindo Bellini

brar que você não é só um líder... você é um ser humano.

Téo sorriu, como se algo tivesse se encaixado dentro dele.

O Líder Inspirador se levantou e colocou a mão no ombro dele.

— Vá, Téo. E lembre-se: festa não é desperdício quando ela devolve a alegria que o mundo tenta

roubar da gente.

E enquanto caminhavam pela rua principal, Téo percebeu que talvez a Festa do Peão não fosse apenas sobre rodeio. Talvez fosse sobre identidade. Sobre vida. Sobre lembrar que, mesmo no meio da correria, ainda existe espaço para celebrar. E quem aprende a celebrar, vive mais leve.

e outra de macarrão.

Da rua do Campo que num inesquecível domingo fui campeão pelo Independente do Tarzan e do Wander, pulei para a outra rua, pois me lembro de ter bebido um café feito de madrugadas no Mercado Municipal. (Curiosamente mudaram seu nome de Benedito para rua do Mercado exatamente quando derubaram o prédio com picaretas e enxadão.) Pois atrás daquela rua era o Tanque do Afon-

so, nossa praia e nosso

mar porque era mais fundo que meu umbigo. E então podíamos saltar do barranco e mergulhar entre lambaris e pequeninos sacis que se formavam nos redemoinhos das capitivas.

Tudo mais que sei vou me esquecendo porque o tempo é o senhor dos esquecimentos... Por isso me encanto toda vez que a alma da cidade me chama para caminhar por ela. E nunca me esquecer de mim mesmo.



BAÚ DO ZOTE

Neste espaço o JMS
publicará, todo mês,
historias e causos
de Monte Sião e seus cidadãos.

“ENCANTOS”

JOSÉ CARLOS
GROSSI

Minha alma é a paisagem das montanhas de Minas. O perfume dos cafezais, o ziguezague das borboletas e os peixinhos no remanso das tardes.

Minha alma é vasta, esplêndida e imensa nos cantares dos Miltons e nas histórias dos Guimarães.

Minha cidade é minha alma, casa com aposentos de lendas, cômodos de histórias

absurdas, bandos de escritores mágicos e onde me conforto e envelheço.

Minha alma é a cidade onde pertence minha história. Onde faço estreitos versos, navego por ruazinhas de memórias e me desmancho em saudades.

Pois um dia vim da Usina Velha que acendia tomatinhos pelo caminho e subi pela rua Direita que jamais devia ter mudado de nome e cheguei aonde Estevão Comune cria-

va sua fauna de ciprestes. E joguei moedas na fonte luminosa que deixou de iluminar seu breve tempo. E visitei a escolinha da Dona Ina, a fada que ensinava magia. E logo ali, no campinho de basquete, a gente encontrava ossos do antigo cemitério que os mais velhos diziam serem ossos de vaca. Ah, quase me esqueci que também ali se fazia a tourada do Rico. E meu pai me pedia vender sorvetes num carrinho de gelo coberto

E você, leitor, conheceu o ônibus do Zote? Conhece alguém que tenha usado o ônibus do Zote para ir até a escola em Águas de Lindóia? Nos envie sua história para publicarmos no Jornal!
Envie para: jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

QUANDO MONTE SIÃO É COMUNIDADE

DANILO ZUCATO
ROBERT

A palavra italiana *campanile* vem de campana (“sino”) e originalmente significa torre de sinos, normalmente ligada à igreja principal de uma cidade ou vila. Na Itália tradicional, o campanile era quase sempre o ponto mais alto e mais visível do lugar. Os sinos marcavam as horas, chamavam para a missa, anunciavam festas, lutos ou perigos, organizando o ritmo cotidiano da vida coletiva. Por causa dessa função central, o campanile passou a representar simbolicamente a própria comunidade. Ele se tornou um marco de identidade local: ver o campanile significava reconhecer a própria cidade, o lugar ao qual se pertence. Daí surgiu também o termo campanilismo, usado para descrever o forte apego e orgulho que as pessoas sentem pela sua cidade ou vila.

Como escrevi aqui no jornal há um tempo, as cidades estão se transformando de *Gemeinschaft* (comunidade) para *Gesellschaft* (cidade moderna), ter-

mos cunhados pelo sociólogo Ferdinand Tönnies. Desde a ascensão dos smartphones e das plataformas de streaming, as pessoas têm se tornado cada vez mais isoladas umas das outras. Os cinemas, por exemplo, perderam força para a Netflix, ao passo que as famosas ‘Lan Houses’ praticamente sumiram em decorrência dos jogos online e da democratização dos computadores, notebooks e videogames.

Mas em nossa cidade, ao menos, houve momentos ou eventos em que felizmente eu pude e ainda posso presenciar uma mudança temporária de ‘Monte Sião Cidade’ em ‘Monte Sião Comunidade’.

Nos saudosos Festivais ‘Expressão Livre’ de fato eu sentia a cidade sorrir e se divertir unida, nos quais parecia que tudo o que importava, durante aquelas horas de evento, era o próprio evento. Naquelas horas, eu sentia nos participantes e em mim mesmo certa aura do conceito japonês *Wa* 和, que significa, de forma simples, *harmonia social*. É claro que nem toda a cidade par-

ticipava e cada família ou grupo de amigos tinha sua realidade singular acontecendo, mas é como se fôssemos vários pontos interligados formando uma só teia: a Monte Sião “Wa”.

Outro evento do qual participei por muitos anos, apesar de não gostar das músicas dele, é o Bloco das Panteras. Ainda me surpreende como tantas pessoas que não se conhecem participam e se divertem juntas de um evento que atravessa todo o centro da cidade, tendo como chegada atualmente a Praça do Maglioli. E no percurso, durante a ‘marcha’ do Bloco, quantas amizades e risadas acontecem? Quantas fantasias ridículas ou geniais aparecem? E tudo isso com a sensação de que está ali também respira de uma mesma essência: o conceito africano Ubuntu, no qual a pessoa não existe isoladamente, mas sua identidade se transforma de ‘eu’ em ‘nós’. No Bloco das Panteras, apesar daquela pequena porcentagem de idiotas que aproveitam o evento para brigar, há certo lema que também é da

filosofia Ubuntu: Eu sou porque nós somos. Durante um dia do ano, apenas um dia, todos lá são como um só, o Bloco.

Por fim, também senti a transformação da cidade em comunidade recentemente, talvez em 2024, quando assisti à apresentação de natal da Sinfonia Solidária, na Praça Matriz. Naquela noite lembro-me bem de ver tantos rostos conhecidos, tanta gente maravilhada, felicitando e aplaudindo juntas. Imagine quantas gerações de monte-sionenses se emocionaram juntas no coração da cidade naquela data? A aura dourada que já naturalmente permeia a época do Natal recebeu um brilho diferente naquela noite, em nossa praça principal.

Enfim, devo encurtar meus pensamentos por falta de espaço: Nestes eventos acredito que de fato nós vivenciamos o que os sentidos não captam, mas que sabemos que está ali: a sinergia, ou o Ubuntu, ou o Wa, ou ainda a metamorfose da cidade em campanile ou comunidade, mesmo que por poucas horas.

SEM JUÍZO

Quem julga um juiz?

O catedrático ou o aprendiz

Algum consenso?

O bom senso

O senso comum

Qualquer um

A retidão

A Constituição

Os seus pares

Amigos e familiares

Ninguém consegue

Alguém se atreve?

A Toga é peso

Onde impera a dúvida

Não se sai ileso

Da vida pública.

BOB

MONTE SIÃO, UMA SENHORA CIDADE

DURVAL TAVARES

Se maio é o mês das mães, em março o leque se amplia para homenagear todas as mulheres. É M em todo lado, em todo canto, um verdadeiro en-

canto.

Coincidentemente, ou não, março é também o mês de aniversário de Monte Sião. Sembra uma coincidência, perché il 29 marzo si celebra il 177° anniversario della cit-

tà. Com essa idade, para uma cidade, para uma cidade ocupada em grande parte por italianos e/ou descendentes (oriundos de um país onde escavações arqueológicas revelam vestígios de diversas civilizações), Monte Sião, uma Senhora Cidade, está mais para uma criança, uma menina de trança. E vista assim do alto / Mais parece um céu no chão / Sei lá / Em Monte Sião o tricô / Feito um mar se alastrou (um pequeno e aplicável plágio de “Sei Lá Mangueira”, música de Paulinho da Viola). Cidade pequena, porém gigante, cresceu graças aos seus gigantes guerreiros que teceram e tecem o seu futuro. Neste ponto, melhor falar das pioneiras que teciam tricô manualmente e vendiam as belas peças na vizinha Águas de Lindóia. Destaque especial para Dona Iracema Andreta Francisco que, ao sentir uma grande oportunidade de crescimento, pessoal e para a cidade, adquiriu a primeira máquina de fazer tricô de Monte Sião (uma macchi-

na da maglieria), da marca Lanofix, hoje exposta na Fundação Museu “Pascoal Andreta” (visitem e vivam a história do lugar). Ao chegar essa máquina, formou-se um verdadeiro alvoroço, o caroço que protegia a semente, o embrião do qual germinou e cresceu o que é hoje Monte Sião. Pois bem, a mulheres passaram da agricultura ao fio de lã, formaram um novo clã. A cidade, conhecida como a Capital Nacional do Tricô devido à industrialização na área têxtil, especialmente da confecção de tricô, as agradece também por isso. A cidade é, sem dúvida, uma referência em moda em tricô, produzindo e distribuindo seus produtos para diversos pontos do país e, durante o inverno, quando atrai milhares de turistas do país todo para compra de vestuários, realiza vários eventos: Festival de Inverno, Fenat – Feira Nacional do Tricô, Trilha das Malhas, entre outros. Situada no sul do estado de Minas Gerais, a apenas 160 km da cidade de São Paulo, de onde

recebe a maior parte dos turistas e o turismo também cresceu muito em Monte Sião, seja para conhecer e comprar produtos de excelente qualidade nas diversas malharias distribuída pela cidade, seja para conhecer as belezas da região. Além dos atrativos turísticos urbanos, dos atrativos turísticos ao longo da principal rodovia que serve Monte Sião, a MG459, sugerimos conhecer atrativos turísticos das regiões rurais e suas comunidades, seguindo um ou mais roteiros: 1 - Gramma Roxa, Taquaral, Pinheiros, Rio das Pedras e Coqueiral; 2 - Coqueiral, Perobal, Furrier, Alves, Almeidas, Cochos e Mococa; 3 - Alves, Furrier, Cochos, Mococa, Cochos, Laranjal e Bonito; 4 - Guiné, Paulini, Carapiá, Figueiras e Três Cruzes; 5 - Pontes, Lagoa Dourada, Bamburral e Limas; 6 - Batinga, Sertãozinho, Lagoa Dourada e Guardinha (não deixem de consultar “Rotas dos Ventos - ROTAS TURÍSTICAS DE MONTE SIÃO - Monte Sião”). Façam como o fi-

zeram, em 1962, o Maestro Parmirão e a Vocalista Dona Ema vindos de Manguá, percorram a cidade, aproximem-se da comunidade, conversem, ouçam, aprendam muito com a comunidade dos Andretas, Alcinos, Almeidas, Bernardis, Canelas, Dinhas, Emas, Estevans, Ferlas, Genghinis, Gibões, Gottardellos, Hugos, Ivans, Ivones, Labegalinis, Labigalinis, Marianos, Ondinos, Parmirões, Rabelos, Rielis, Romildos, Zamuneres, Zicos Tropeiros, Zucatos, (completamente.....). Vidas que seguem. Perdão, pelas esquecimentos e pelo plural de cada nome que não ficou tão bão.

Parabéns a todos os que viveram e vivem em tão bela cidade.

Cantem “Entre serras, colinas e regatos, / Num panorama, vívido, loução, / Ergue-se bela, pujante/ E dominante, / A operosa / E dadivosa / Monte Sião....”.

Monte Sião está em festa.

Felicitazioni!

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Certifico que nasci no 149 da Rua Direita em frente à padaria do Seu Pedro Galbiati

Alí dona Palmira fazia o pudim de pão mais gostoso da paróquia

Só de lembrar me comovo não poder comer de novo

O referido é verdade e dou fé

Era uma rua comprida pra minhas pernas de criança

Popo de Sião



MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Fone: (35) 3465 2772
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)
Monte Sião - MG
CEP 37580-000

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais
(35) 3465 2060 (35) 98815 2060
Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG
www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!
RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas
Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

O CREPÚSCULO DO REI

MATHEUS ZUCATO

Conto a história de um Rei que, certa vez, talvez na metade dos anos 1890, visitou Monte Sião, junto de sua Rainha e de toda a sua Corte. Na ocasião, viajava com grande pompa, e a Rainha trazia todo o seu séquito: escudeiros, pajens, cavaleiros, artistas e damas de companhia. Ao todo, no itinerário real — documento histórico preservado no acervo de nosso Museu Municipal — contava a comitiva com cento e vinte pessoas com o Rei e a Rainha.

Acontece que, por ser época que o frio ainda habitava Monte Sião, tiveram de montar acampamento no Morro do Lé. Lá no alto, subitamente, o Rei ouviu grande tumulto vindo dos seus servos, conversando acaloradamente, encantados aos choros de deslumbramento.

O que viu, o Rei, do alto do morro? As atas da visita relatam com certa poesia o “congelamento de todos diante do fogo dos céus”. O autor do diário de viagem descreve com beleza o pôr do sol, fulgurante, ao longe, a cair atrás do Morro Pelado, se escondendo lentamente enquanto tingia o céu de lava ancestral. O pequeno povoado lá

embaixo, de apenas algumas centenas de pessoas, parecia correr até as suas casas, o que pareceu estranho ao Rei, que decidiu no dia seguinte fazer duas coisas: durante o dia, desceria ao povoado para conhecer a gente e entender o mal que vinha com o entardecer. Se fosse questão de bandidos, de doença, ele resolveria o assunto como presente ao vilarejo. A outra coisa que faria era mandar pintar o pôr do sol por cinco diferentes artistas, numa competição do retrato mais realista.

No dia seguinte, o Rei e vários cavaleiros desceram até o largo central e descobriram um povoado caridoso, receptivo, porém amedrontado. Os primeiros documentos de Monte Sião contam

o evento. Publicado no jornal da época, “O Progresso”, cujo primeiro número saiu em 1894, é relatado que o povo de Monte Sião temia, com o crepúsculo, a “hora das bruxas”, evento de nome tipicamente datado, já que nenhuma bruxa sequer foi registrada nas imediações do Morro Pelado. O medo começou, no entanto, de notarem os cidadãos certo desvario contagioso, ao pôr do sol. Maridos agressivos, vinganças coletivas, animais raivosos, etc.

O Rei, então, muito orgulhoso como era, decidiu espalhar no entardecer seus cavaleiros por todos os cantos para capturar os seres malignos que aparecessem com o crepúsculo. No acampamento, os cinco pintores

se puseram aos trabalhos.

Caiu a escuridão sobre o povo, cada um foi se esconder em sua casa. A manhã revelou o povoado intacto, nenhum problema aconteceu durante o crepúsculo ou a noite. A “hora das bruxas” não passava de superstição pagã, acreditaram os sábios do Rei. Voltaram ao acampamento ao amanhecer e dormiram.

Durante o almoço, o Rei recebeu dos artistas os quadros e, para o espanto de todos, eles eram todos diferentes. Um trazia o pôr do sol se pondo do lado direito do morro, o outro fora pintado do lado esquerdo. Outro não trazia sequer um morro no horizonte, enquanto o quarto quadro trazia dois sóis no céu, e no último havia pintado um sol pre-

to como piche, derretendo-se sobre o morro.

O Rei enfurecido mandou cortar a cabeça dos cinco artistas suplicantes por terem zombado dele. Nada pôde ficar entre eles e a morte, apesar de suas juras de que pintaram exatamente o que viram no crepúsculo. Nenhum documento informa onde foram enterrados os seus corpos. Provavelmente levaram consigo os quadros pintados.

Chegou a tarde, e com ela mais um crepúsculo, e desta vez o Rei pediu que cada um deles relatasse em seus ouvidos o pôr do sol que via. Os documentos do Rei revelam um homem encolerizado, acusando a todos de rebelião, insurreição, de mentira e práticas com o diabo. Mandou cortar

todas as cabeças daqueles que relatassem um pôr do sol diferente do seu, e só foi interrompido pelo capelão real, que também contava coisa diferente da sua.

Aí o Rei decidiu sozinho pintar o seu pôr do sol e ver se era diferente do que veria no dia seguinte. Com suas limitações artísticas, colocou o morro, o sol, a cidade, as nuvens, cada um no seu lugar. Mas uma estranha sensação pairava diante dele. Teve uma impressão mórbida de que, de alguma forma, o quadro o olhasse de volta, como o chamasse para o escuro das sombras nele pintadas, como olhasse no fundo de sua alma e mostrasse haver no quadro um único pontinho de tinta que revelasse algo estranho, uma figura que ele não lembrava ter pintado, o encarando com sede nos olhos frios.

O itinerário do Rei inicia a próxima página na cidade de Ouro Fino, um corte seco na visita em Monte Sião. Eu não me atrevo a dizer nada, só relato o que me caiu nas mãos depois de ajudar na organização do arquivo do Museu. E o pôr do sol continua a embelezar todos os que o contemplam do alto do Morro do Lé, com vista ao Morro Pelado. Monte Sião dorme no meio.



MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

RUAS DA CIDADE

WALDEMAR GOTARDELO

(julho/1994)

Através de decretos da Câmara Municipal anterior foram dadas denominações oficiais às ruas do loteamento “Parque D. Antonieta” e “Jardim Planetário” desta cidade. Para as designações foram escolhidos nomes de ilustres cidadãos monte-sionenses e de pessoas que, vindas de outras localidades, aqui fixaram residência e contribuíram de

qualquer maneira para o progresso e desenvolvimento de nossa terra. Muitos dos nomes escolhidos estão a mim intimamente ligados por parentesco, compadrio, coleguismo, gratidão, amizade e outras afinidades, como meu saudoso e inesquecível pai Antonio Gotardelo Sobrinho, meus caros compadres Antonio Guarini e Pompeu Bernardi; o primeiro dedicou grande parte de sua vida à delegacia de polícia desta cidade e, o segundo, que presenteou

Monte Sião com tantas glórias nas áreas esportiva, familiar e social; meus cultos e distintos colegas José Guireli e Jamyl Elias Abrahão. Com José convivi várias décadas nos serviços judiciários desta comarca e, com Jamyl, tive a honra de participar da primeira Câmara de Vereadores desta comunidade; minha bondosa e querida mestra professora Zita Rossi, de quem recebi tantos ensinamentos. Dela ainda guardo na lembrança, com muito carinho, meu primeiro prêmio escolar; o paciente dentista de minha infância e mocidade – Geraldo Mariano Silva – homem de incomum habilidade, tanto na sua nobre profissão como em qualquer outra atividade, e que exerceu o cargo de adjunto de Promotor de Justiça deste Juízo; meu grande amigo e companheiro de todas as horas – Mário Monteiro – a quem já dediquei uma crônica publicada por este jornal; o farmacêutico e agropecuarista Assumpto Volpini. A ele me refiro com admiração e respeito. Homem de grande visão, realizador de dois loteamentos urbanos e doador do terreno para a construção do “Conjunto Habitacional Major Antonio

Bernardes de Souza” e que muito contribuíram para o desenvolvimento da cidade; o senhor Irineu Bernardi, político de tradição, foi vice-prefeito, deixando para continuação de seus ideais progressistas uma descendência admirável. Foram ainda muito bem lembrados os nomes de Arthur Pennacchi, Elpidio Glória, Horácio Pennacchi, Gumerindo Loureiro de Oliveira, Pedro Galbatti, José Augusto Teles, João Vicente Lopes e, finalmente, o emérito e atuante deputado Cristovam Chiaradia, que tão bem representou e defendeu os interesses de Monte Sião, tanto na Assembleia Legislativa como na Câmara Federal. Todos eles lutaram bravamente por esta terra e merecem, com justiça, ter seus nomes perpetuados nas ruas da cidade. Ao lado desses ilustres cidadãos, em minha opinião, existe um que também merece ter seu nome gravado em uma das futuras ruas da cidade, embora já tenha sido lembrado para a denominação de uma pequena quadra de esportes do Conjunto Habitacional Major Antonio Bernardes de Souza. Não pretendo, de maneira alguma, criticar essa designa-

ção, mas com o devido respeito, acho que a láurea não condiz com a personalidade do homenageado, uma vez que seus principais méritos não se relacionam à área esportiva. Filho de tradicional família monte-sionense, tinha um grande orgulho de sua terra natal. Homem inteligente, trabalhador e prestativo, foi Juiz de Paz por muitos anos e, de acordo com o dispositivo legal vigente na época, substituiu o M.M. Juiz de Direito em suas férias e eventuais ausências da comarca. Ainda existe arquivado na Secretaria deste Juízo grande número de processos por ele despachados. Exercendo naquele tempo o cargo de Escrivão do Judicial, posso afirmar que, embora não sendo bacharel em Direito, sempre agiu com o mais absoluto critério, honradez e justiça.

Possuía um bar nesta cidade que ficou conhecido em grande parte do Brasil, sempre ligando a ele o nome de Monte Sião. Ali foi parada de ônibus do antigo Expresso Brasil, do Auto Viação Bragança e Rápido Serrano Viação Ltda. até a construção da atual estação rodoviária.

Sou ainda testemu-

nha de sua grande luta e enormes sacrifícios para brindar esta cidade com as primeiras imagens da televisão. Sem nenhum equipamento técnico de hoje, apenas com seus próprios recursos e trabalho, muito batalhou para alcançar seu ideal. Muitas vezes o vi, com risco de sua própria vida, subir em uma frágil e rudimentar torre por ele construída, de aproximadamente vinte metros de altura, para, lá no topo, colocar vários tipos de antena, na tentativa de melhor captar os sinais das estações transmissoras de São Paulo. Seu trabalho, sua persistência e seu pioneirismo muito contribuíram para a instalação da primeira torre televisora em Monte Sião.

Tratando-se de um compadre de minha grande estima, de meu parente consanguíneo, muitos poderão julgar-me suspeito para dar a presente opinião. Porém, quando se trata pura e simplesmente de se fazer justiça, não existe suspeição.

Assim, bem à vontade e isento de qualquer segunda intenção ou interesse, digo com muito orgulho, bastante saudade e com letras maiúsculas seu nome: SEGUNDO MARCELINO GOTTARDELLO.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Danilo Zucato Robert, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva (*in memoriam*), Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ilson João Mariano Silva (*in memoriam*), Ivan Mariano Silva (*in memoriam*), Jaime Gottardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta (*in memoriam*), José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegalini, Lucas Provenzano, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegalini (*in memoriam*), Valdo Resende e Zeza Amaral (*in memoriam*), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Março de 2026

Nº 645

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Abril de 2026

Dia 1 Bruna Zucato Cétolo Adriano Ap. da Costa Joselene Faria Maria Clara R. Zucato	Dia 16 Felipe Franco Bueno Alcides Domingos Batista
Dia 2 Giovana Gottardello Marcos V. de Godoy Silva Robson José Jaconi	Dia 17 Isabela Camargo Labegalini Henrique Comune Daldosso Maria Lúcia Gottardello Oliveira
Dia 3 Daiane Coli de Souza Guilherme Vilela de Souza Rafael de Araújo Resende Cristina Fonseca Vilas Boas Luiz Nelzio Franco José Norberto Rodrigues	Dia 18 Rovilson Tavares da Silva Pedro Borges Figueiredo Maria de Paula Gottardello
Dia 4 Bruna Prado Jaconi Ana Beatriz Castro Fonseca Júlia Francisco Magioli	Dia 19 Brunieli Righete Bruna Mariane Lino Rafael Dias e Silva Rosana Artuso Ribeiro
Dia 5 Wilson Cardoso Ferreira Douglas M. Otaviano Miranda Aline Priscila Guarini Rita Ignês Comune S. Oliveira	Dia 20 Silvana R. Pennacchi Érica Faraco Joice Monteiro Reginato Maria Gonçalves da Silva
Dia 6 Carla Diane Dias da Silva Luana Armelin Pitelle Mário Sérgio Moreira Vanessa Durante Pennacchi Patrícia Beatriz Alves Maria Emília Leite Araújo Isabel Rosana Benatti	Dia 21 Benjamin Labegalini Paola Pennacchi Lucas Lino Charles Cétolo Katsuhiko Takahashi
Dia 7 Karina Domingues Bertolucci Michel Zucato	Dia 22 Hélida Giasiani C. Loura Murilio Zucato de Oliveira
Dia 8 Sebastião Labegalini Karina Gottardello Zechin Magda Gottardello Guireli Rogério Pennacchi	Dia 23 Amilton Fernandes Magioli Evair Comune Maria Otília Gomes Pereira Luiz Antonio M. de Godoi Renata Tavares da Silva Thayná W.G. Benatti Vicente de Paula Faria
Dia 9 Danilo D. Pereira de Lima Marília Franco Bueno	Dia 24 Francisco Carlos Bernardi Marli S. Bueno Parreira Janaina Corsi Pascoal Norberto Comune Andressa Monteiro Felipe Labegalini
Dia 10 Alessandra M. Silva Martins Cláudia Labegalini Antonio Campos Freire	Dia 25 Sebastião Gonçalves Righete Catarina Comune Daldosso Márcia de Cássia F. Godoi Thais Ribeiro Jacomassi
Dia 11 Sebastião Teodoro Araújo Lilian Maria Leite Araújo	Dia 26 Rogério Bueno Mariane de Cássia F. Godoi Carlos Roberto Monteiro Telma Labegalini Maria Ap. Moraes Souza
Dia 12 Bernardo Oliveira Bernardi Amauri Pereira Pinto Júlia Moraes Cardoso Érica Glória Priscila Aparecida Fávero	Dia 27 Maria Marta T. Barbosa Valdirene da Costa Vitor Humberto Monteiro José Airton Zucato
Dia 13 Cirlene Aparecida Gonçalves Rafael Comune Rosângela Comune Lázari Mitsuo Izumi	Dia 28 Adriana Maria Grossi Maria de Lourdes G. Moraes Malvina Gottardello Zechin
Dia 14 Marina Moraes de Oliveira André Luís Machado Pollyanna Figueiredo Alexandre Labegalini Marilene F. Godoi Bueno	Dia 29 Michele Basaglia
Dia 15 José Carlos Grossi Renato Parreira Júnior Maria de L. Ribeiro Labegalini Antonio Tadeu S. Vidal	Dia 30 Bruno Monteiro Guinesi Luiza Zucato Robert Ryan Canela Brandão.

A todos, as felicitações da Redação!

COMEMORAÇÕES

Aniversário da cidade, 39ª Festa do Peão e programação musical e cultural nos locais de costume. Com o devido comparecimento e prestígio, todos comemoramos os 177 anos de Monte Sião. Uma senhorita de 177 anos!

E, AS CHUVAS CONTINUAM FORTES...

E como! É uma notícia atrás da outra de enchentes e estragos... Chuva é bom, mas quando é demais assusta!

SEGURANÇA

Adianta falar? Tá tudo a favor da malandragem. Dá até pena dos policiais que altivos no cumprimento da missão acabam como enxugadores de gelo. Será que um dia isso muda?

RODEIO DO RICO GENGHINI

Em várias oportunidades nos referimos ao Rodeio do Rico Genghini, que ocorreu em Monte Sião na década dos 60. Até onde me lembro, o elenco era formado pelos irmãos Lacir e Mano Genghini, Nardino Tropeiro, Nelsinho Dorta e o Pechinha, que fazia as vezes de palhaço e de salva vidas enquanto o Rico ficava coordenando os bastidores e amarrando umas apostas. Numa dessas, o Rico apostou com um peão que até a sua filha “montava naquele touro que o peão havia rejeitado”, aposta amarrada, lá vai a Chiquinha Genghini pela arena, em cima do garrote, para honrar a aposta do pai... e não caiu! O Lacir, o Nardino e o Pechinha já fizeram as passagens há algum tempo, o

Mano nos deixou no último domingo, dia 10 de março. Resta vivo, forte e pegado no forró todos os finais de semana, o Nelsinho Dorta. Vida longa companheiro! Conte pra todo mundo as aventuras do Rodeio do Rico para que o tempo não apague este importante momento da história da cidade.

VÁRZEA, O NOVO LIVRO DE VALDO RESENDE, COLABORADOR DO MONTE SIÃO

Estou na última parte da leitura de VÁZEA (São Pulo: Editora do autor, 2025), o relato da dinâmica de uma cidade de pequena para média, com os seus 50-60 mil habitantes, envolvendo o futebol, nossa paixão nacional, e a política, essa coisa que parece tatuagem que não desgruda da vida das pessoas. Para quem foi criado em Uberaba e já foi seminarista, cantor, ator e diretor de teatro, professor universitário, publicitário e até se envolveu no mundo da moda em um de seus empregos, o Valdo Resende possui um conhecimento profundo das mazelas que cercam a vida nas cidades do interior e repertório suficiente para narrar todos os quiproquós, as mazelas, a competição doentia, a ciúmeira, a inveja, os vícios, as infidelidades, as artimanhas e todas as manobras inimagináveis que ocorrem no cotidiano, envolvendo os moradores, os políticos, o clero, o comércio, os esportes, os botequeiros, os cachaceiros, os namoros e as casas de tolerância. Difícil ler um parágrafo e não identificar uma situação que a gente já viu ou conhece de modo muito lúdico e divertido porque Valdo vai ao ponto! Quer se informar e divertir-se ao mesmo tempo? Então leia a VÁRZEA de Valdo Re-

zende. Pode adquirir direto com o autor: valdorezende@uol.com.br; @valdorezende ou pelo site valdorezende.com. Boa leitura!

AGRADECIMENTO

D. Cacilda, a benzedeira da Batinguinha, agradece, emocionada, ao Tavinho Gaspardi, ao patroleiro Bossi e ao prefeito Juninho Zucato, que gentilmente nivelaram o trecho de caminho que sempre dificulta o acesso à residência... ficou joinha! Por favor, quando puderem e tiverem condições, mandem uns caminhões de cascalho ou fresa de asfalto... Vai ficar que é uma beleza só!

ANIVERSÁRIO DO JORNAL “MONTE SIÃO”

Dia 28 de março, para comemorar os 68 anos do Jornal “Monte Sião” os colaboradores se reuniram, mais uma vez, no “Latifúndio do Ivan”, recepcionados pelo carinho da Alessandra e pela atenção do Carlos e familiares. Muito Bom estar com vocês, de novo! Vida longa ao “Monte Sião”!

BIANCA GENGHINI CANDIDO

Lutando com todas as dificuldades e contra todas as impossibilidades, com o apoio permanente da mãe, Magali Genghini, a jovem Bianca Genghini cursou Engenharia de Alimentos na IFSULDEMINAS, em Inconfidentes, depois foi pra longe de casa, trabalhar em Avaré e Itajobi, vindo finalmente a cursar o mestrado em sua área de atuação, depois de rigoroso programa seletivo, na UNICAMP, estando em fase de conclusão. Cumprimentos e reconhecimento pelo esforço e perseverança. Quem acredita e segue em frente recebe ajuda divina durante a jornada!

CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

HÁ MAIS MORENAS

(Moda de viola - 06/03/74).

LETRA E MÚSICA:

NENÊ LABEGALINI E PASCOAL ANDRETA

I

Comprei um sítio lá na serra, companheiro,
Coisinha pouca, dois alqueires se chegar.
Porém confesso que me sinto fazendeiro,
Ouvindo o galo de manhã cocoricar.

Fiz meu ranchinho bem na encosta do Pelado
(De lá se avista todo o meu Monte Sião),
Plantei fruteiras, botei crias no cercado,
Também comprei, por bom dinheiro, um alazão.

Como é gostoso ter seu quinhão
Fazendo parte deste meu Monte Sião (bis).

II

Fim de semana, sol cansado, sonolento,
Deixava o rancho no meu macho corredor.
Descia então a serra toda num momento,

Feliz corria ao Taquaral ver meu amor.

Um velho toco de peroba no terreiro...

E nossos beijos musicando a solidão...

Tanta ventura, te confesso, companheiro,
Botava cisma no meu pobre coração.

Morena linda, minha paixão,

Pombinha rola deste meu Monte Sião (bis).

III

Ontem, porém, senti saudade do benzinho,

Do seu abraço, do seu beijo assolador.

Botei meu macho, sem tardança, no caminho.

No cabeção, o pau de fogo protetor.

Parei em frente da porteira enluarada,

Senti no peito acelerar o coração:

No mesmo toco de peroba, minha amada

Trocava beijos com o filho do patrão.

Virei na hora meu alazão:

Há mais morenas neste meu Monte Sião!

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulistas

TELESON
TELECOM

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- Teste do Pezinho ampliado
- Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180